

Recensões

Isso é muito *Black Mirror*?

Mateus Luan Dellarmelin¹



Lemos, André. 2018. *Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de informação e comunicação*. Salvador: EdUFBA. 1ª edição. 164 pp. ISBN: 978-85-232-1708-2.

Desde 2011, as narrativas de ficção científica de *Black Mirror* suscitam discussões acerca das representações da realidade, atuais ou futurísticas, em que mostram um novo olhar sobre a interatividade humana com as novas tecnologias e a cultura digital. Criada por Charlie Brooker e disponibilizada através da plataforma de *streaming Netflix*, a série é uma antologia, logo, os episódios têm suas narrativas independentes e diversificadas quanto aos hábitos sociais dos personagens face aos diferentes ou (in)existentes avanços tecnológicos. A série fomenta reflexões críticas à sociedade contemporânea, as diversas possibilidades das tecnologias digitais e onde os atuais hábitos podem nos levar. O autor da série não problematiza as tecnologias em si, mas sim, a forma de apropriação e utilização destas, a engajar os espectadores, o que levou a série televisiva a tornar-se um sucesso mundial.

¹ Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, 4710-057 Braga, Portugal.

O livro intitulado *Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de informação e comunicação*, analisa todos os episódios das quatro temporadas da série sob o viés de bases epistemológicas da contemporaneidade, a gerar discussões que são de suma importância para as ciências sociais, a englobar as áreas da cultura digital, comunicação, filosofia da ciência e técnica. O livro é de autoria de André Martins Lemos, professor titular no Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea na Universidade Federal da Bahia, Brasil.

A organização do livro segue a estrutura da série com um capítulo dedicado a cada temporada. São analisados respectivamente, no capítulo 1, os três episódios: “National Anthem”, “15 Million Merits” e “The Entire History of You”, no capítulo 2: “Be Right Back”, “White Bear”, “The Waldo Moment”, “White Christmas”, no capítulo 3: “Nosedive”, “Playtest”, “Shut Up and Dance”, “San Junipero”, “Men Against Fire”, “Hated by the Nation” e no quarto e último capítulo são analisados seis episódios: “USS Calister”, “Arkangel”, “Crocodile”, “Hang the DJ”, “Metalhead” e “Black Museum”.

O autor classifica os episódios com base em cinco aspectos: tecnologia, função das tecnologias de comunicação e informação, temas centrais, ênfase temporal e discussão.

No primeiro capítulo do livro, relativo à primeira temporada da série, o autor descreve que o episódio intitulado “National Anthem” aborda questões referentes ao uso da televisão, do celular e das redes sociais para monitorar e manipular os indivíduos. A temática central relativa a este episódio é descrita pelo autor com base em contextualizações acerca da sociedade do espetáculo e das mídias de massa, resultando assim em discussões sobre a midiatização televisiva, “fake news” e viralização em redes sociais. Diante destas delimitações, o autor classifica a ênfase temporal do episódio como sendo do passado, por serem questões já percorridas em diferentes meios. No segundo episódio da primeira temporada, intitulado “15 Million Merits”, o autor infere que as tecnologias utilizadas na narrativa são as redes sociais e telas interativas que possuem a função de trabalho e controle, logo a temática central é sobre a sociedade do espetáculo e as discussões abrangem a sociedade do trabalho fordista, em que as personagens pedalam incessantemente em bicicletas de manutenção para ganharem créditos na rede social. Ao delinear as abordagens do capítulo, Lemos novamente classifica tais fenômenos como possuindo uma ênfase temporal do passado. No último episódio da primeira temporada, “The Entire History of You”, a tecnologia utilizada é um ‘grão’, um implante neurológico que parece retratar toda a história da vida das pessoas em um registro visual, neste sentido, a função da tecnologia é de monitoramento, vigilância e memória, como afiança o autor. Por isso, a centralidade deste episódio está na temática da memória e abre discussões acerca da vigilância e da memória audiovisual, sendo a sua temporalidade, assim como os outros episódios da primeira temporada, a remeter ao passado (Lemos 2018).

Ao analisar a primeira temporada, Lemos (2018, 22) ressalta que esta “discute os dilemas de uma sociedade massiva, do trabalho alienante, do espetáculo midiático, de uma memória corporal e visual, cinematográfica, estando, mesmo que sugira objetos futuristas, presa a formatos tecnomidiáticos e a paradigmas do século XX”. Além de destacar que os dois primeiros episódios se assemelham a novas versões de *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, ou de *1984*, de George Orwell, e o último episódio “aponta para um dispositivo que ativa uma memória típica da era do audiovisual, linear, longe de abordar as questões urgentes de memória algorítmica, distribuída e invisível da cultura contemporânea das redes sociais, da Internet das Coisas e do *Big Data*” (Lemos 2013, 46).

No segundo capítulo do livro, que corresponde à segunda temporada, Lemos relaciona três episódios (“Be Right Back”, “White Bear”, “White Christmas”) com as mesmas funções da tecnologia de informação e comunicação, sendo estas para monitoramento, vigilância e punição. Além disso, ambos os episódios também remetem para uma temporalidade do passado, não revelando ao espectador uma nova tecnologia, passando longe de questões do futuro. Apenas o terceiro episódio, segundo o autor, aborda questões relacionadas ao Marketing Político, sendo esta estratégia a função das tecnologias de informação e comunicação através de *cartoon*, televisão e mídias sociais. Nesta temporada, Lemos (2013, 34) elucida que a utilização das ICTs são apropriadas em uma “tensão entre a dicotomia corpo/mente, a punição, o *voyeurismo*, o fracasso das relações sociais, a descrença na política e o perigo dos mundos simulados. As tecnologias aqui retratadas ainda são pensadas segundo uma lógica massiva, individual, centrada na ação do humano”, ou seja, nesta temporada não há nenhum ineditismo ou previsão de um fenômeno futurístico e apenas retrata as adversidades atuais de objetos infocomunicacionais, como afirma o autor.

O terceiro capítulo do livro faz a análise de seis episódios da terceira temporada, e dentre estes a temporalidade se divide entre passado, presente e futuro. Lemos destaca que os episódios que representam o passado são “PlayTest” e “Men Against Fire”, os quais têm como intersecção a temática do corpo, sendo que o segundo episódio aborda o controle do corpo e da mente através de uma tecnologia de simulação e games, e o quinto episódio retrata a amplificação do corpo com base em controle social e eugenia. Ambos episódios usam as tecnologias de realidade aumentada como agentes da narrativa.

O autor ainda discorre sobre mais três episódios “Nosedive”, “Shut Up and Dance” e “Hated by the Nation” que possuem similaridades na narrativa. Além de estarem inseridos em uma temporalidade que representa o presente, a função das tecnologias estão relacionadas ao monitoramento e vigilância, e da apropriação de tecnologias similares, como celulares e redes sociais. Neste âmbito, Lemos descreve que estes episódios fomentam discussões sobre redes sociais, o capital social, as relações sociais, o justicamento, *hacking*, a vigilância e polarização nas redes sociais. O episódio 4: “San Junipero”

é o único até à terceira temporada que, segundo o autor, apresenta uma temporalidade do futuro através de um mundo simulado, em que a função da ICT é um mundo alternativo, a fomentar discussões sobre a vida após a morte, da separação da mente e do corpo. Mas apesar desta temporalidade, não há nenhum ineditismo no fenómeno em si. Por isso, Lemos (2018, 116) escreve que, por mais que sejam apresentadas aos espectadores como tecnologias inéditas, estas ainda possuem “um viés analítico preso no século passado”.

O quarto e último capítulo referente à quarta temporada da série traz as análises dos seis episódios lançados em 2018. Quatro dos episódios, “USS Calister”, “Arkangel”, “Crocodile” e “Black Museum”, possuem similaridades em aspectos importantes, segundo o autor, tanto na temporalidade do passado, quanto nas funções das tecnologias de informação e comunicação através da manipulação, além da vigilância e memória, e separação do corpo/mente (assim como no episódio 2 da terceira temporada) e de um mundo alternativo (também como no episódio 4 da terceira temporada). As tecnologias apresentadas estão relacionadas com o mundo virtual e jogos multiusuários, um dispositivo de controle implantado no cérebro, um ‘relembrador’ que é um dispositivo de tecnologia neurofisiológica e um dispositivo ‘cookies’ neurológico separador do corpo/mente (Lemos 2018).

Ainda neste capítulo, o quinto episódio também possui uma temporalidade relacionada com o passado. Segundo o autor, a função da ICT é a dominação do homem sobre a máquina, ou seja, a tecnologia abordada é a robótica, a fomentar discussões sobre um mundo pós-apocalíptico de ser humano *versus* robôs. Apenas o terceiro episódio da quarta temporada (“Hang the DJ”) possui uma temporalidade associada ao presente. O autor identifica as redes sociais, a *cloud* e os duplos digitais como as tecnologias do episódio em que as funções estão direcionadas para o relacionamento social, encontros amorosos e também performatividade algorítmica.

Referente à quarta temporada, o autor (2018, 145) ainda discorre que acreditava “que a série começaria a tratar dos problemas centrais da sociedade tecnológica, como a vigilância distribuída, o ódio nas redes sociais, mas volta a se concentrar no passado, em dilemas do século XX”, ou seja, a expectativa de que seriam implementados novos dispositivos, novas funcionalidades ou em antever um futuro próximo, não foram supridas esta temporada, assim como, nas temporadas anteriores, a narrativa parece estar mais presa ao passado do que ao presente e longe de questões do futuro.

O principal contributo do livro é a argumentação sustentada ao longo das análises que contradizem o consenso de investigadores (ver Di Veltz 2015, 46; citado pelo autor) e, principalmente, espectadores de que a série *Black Mirror* reflete a distopia de um futuro presente, disseminado nas redes sociais através da frase-feita “isso é muito *Black Mirror*” para se referir a situações reais supostamente semelhantes a alguns episódios. Neste sentido, Lemos (2018, 16) também sustenta que o seriado “fala do passado, vê o presente de forma distorcida e

mal consegue antever o futuro” e “mesmo apresentando tecnologias que ainda não existem, seu argumento é centrado no debate clássico (crítica frankfurtiana, destaque da sociedade do espetáculo, reforço da ideia de homogeneização cultural, ênfase na separação do corpo da mente, memória cinematográfica, vigilância panóptica...) da sociedade eletromecânica e das mídias de massa do século XX” (2018, 146), ou seja, a utilização da expressão “isso não é muito *Black Mirror*” é empregado em aspectos relativos à cultura digital atual e que “as discussões ainda estão presas aos problemas do século XX, passando longe das principais questões referentes às tecnologias de comunicação e informação” (2018, 150).

O livro também possibilita relacionar o conteúdo da série com diferentes teorias na área das ciências sociais, especificadamente, das ciências da comunicação, principalmente no que tange ao conceito de *narcole*, instituída por Marshall McLuhan, em que os indivíduos se apropriam de dispositivos tecnológicos como um recurso mágico frente às dificuldades comunicacionais, o que, de fato, caracteriza as relações humanas na cultura digital. Outra possibilidade de análise da série, também percorrida pelo autor, parte da perspectiva debordiana do espetáculo, uma vez que a natureza distópica da série promove reflexões dos processos comunicacionais em diferentes ambientes, sejam estes da política, do mundo do trabalho, das relações afetivas e da sociedade em geral, ao expor os conflitos perante a incessante evolução tecnológica, presença dos *media* e elucidação de que o problema é o uso que se faz das tecnologias, visto que estas “sedimentaram uma sociedade em rede, marcada pela ambivalência e pela interligação dos fenômenos sociais” (Rabot & Fonseca 2016, 803).

Neste aspecto, a série, ao se inserir em um meio *mainstream*, encontra nesta plataforma uma ferramenta para promover reflexões acerca dos dilemas da era digital que não se encontrariam nos meios tradicionais (Fuchs 2010). Tanto a série quanto o livro buscam ampliar os debates acerca dos reveses de uma sociedade hiperconectada. Esforços que também são realizados teoricamente por autores como Kerckhove (2016) e Han (2015; 2016; 2017) e podem ser relacionados à temática. Kerckhove (2016) enfatiza que as interações em rede são movidas por um inconsciente digital, impercebível. Por conseguinte, muitas pessoas ainda creem que o espaço digital é livre, quando na prática, a sua liberdade é explorada pelo sistema da psicopolítica, em que os dados pessoais dos internautas são recolhidos, codificados, monitorados e que propiciam prever comportamentos sociais e mantê-los nos níveis subconscientes (Han 2015; 2016). Além disso, resultantes do processo de hiperconexão, a ampliação, atenção e discussões relativas às patologias psíquicas provenientes da cultura digital - e que são abordadas em alguns episódios -, se tornam imprescindíveis (Han 2017).

Portanto, reitera-se que o autor assume a hipótese de que a série está mais ancorada no presente e passado do que no futuro, e comprova, através das análises de cada episódio das temporadas, que

o seriado adota uma perspectiva crítica da cultura de massas e da sociedade tecnocientífica do século XX, apresentando novas tecnologias com roupagens antigas, e que, apesar de representar cenas futurísticas, acaba por reproduzir os desafios que já se fizeram (e se fazem) presentes na sociedade tecnológica. Permitindo compreender, através destas análises, que a série não promove reflexões acerca das contrariedades da cultura digital na contemporaneidade, mas sim, analisa os dilemas (do passado e presente) da era digital.

BIBLIOGRAFIA

- Fuchs, C. 2010. Alternative media as critical media. *European Journal of Social Theory*, 13(2), 173-192. doi: 10.1177%2F1368431010362294
- Han, Byung-Chul. 2015. *Psicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, Byung-Chul. 2016. *No Exame: reflexões sobre o digital*. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, Byung-Chul. 2017. *Sobre o Poder*. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- Kerckhove, Derrick de. 2016. "Ética de transparência na era do Big Data". In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Kunsch, Margarida Maria Krohling. *Comunicação, cultura e mídias sociais*. São Paulo: ECA USP, pp. 5-23.
- Lemos, André. 2003. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. In Lemos, André; Cunha, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina: Porto Alegre, pp. 11-23.
- Rabot, Jean-Martin & Fonseca, Amália. 2016. Cultura digital: uma viagem em contraciclo? Dinâmicas culturais em análise. In Sidoncha, Urbano & Moura, Catarina (org.), *Culturas em movimento. Livro de atas do I Congresso Internacional de Cultura*, Covilhã: LABCOM.IFP, Universidade da Beira Interior, pp. 801-813. Acedido em: <http://hdl.handle.net/1822/54013>